

Nova Viçosa foi a gente quem fez¹

Pablo Campos COUTINHO²

Kátia de Lourdes FRAGA³

Universidade Federal de Viçosa, MG

RESUMO

O radiodocumentário *Nova Viçosa foi a gente quem fez* é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa. Com depoimentos de moradores do bairro Nova Viçosa, este produto trás a história de vida dessas pessoas que durante muito tempo viveram sem as condições mínimas de infraestrutura básica de sobrevivência no bairro e que mesmo com essas adversidades se firmaram no lugar que hoje têm orgulho de demonstrar que amam.

PALAVRAS-CHAVE: radiodocumentário; nova viçosa; infraestrutura.

1. INTRODUÇÃO

Viçosa foi construída a beira do ribeirão São Bartolomeu na zona da mata mineira, distante 76 km da histórica Ouro Preto. A cidade que preserva suas características interioranas se diferencia por ser um referencial na qualidade educacional desde antes de ser tornar propriamente o município de Viçosa. Cidade natal de um ex-presidente do Brasil, a cidade recebeu de Arthur da Silva Bernardes, seu filho, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) que logo se destacou pelo país como padrão de ensino na área, atraindo assim, grande número de pessoas em busca de conhecimento acadêmico.

A cidade, embora em um ritmo muito aquém do ritmo da escola, se desenvolveu em função do crescimento desse polo educacional. Com a federalização da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e, portanto a criação da Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 1969 o município que estava crescendo e se desenvolvendo passou a receber um maior número de pessoas que agora não buscavam somente conhecimento, mas também emprego no que estava se tornando uma cidade promissora em qualidade de vida. Com a chegada desses novos moradores, novos bairros e loteamentos que posteriormente

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo (avulso/ conjunto ou série)

² Aluno líder e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: pablo.coutinho@ufv.br.

³ Orientadora do trabalho, professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: katiafraga@ufv.br

virariam bairros passaram a surgir e encorpar ainda mais a cidade de Viçosa, o que o historiador José Mario Rangel endossa em seu blog:

Portanto, grande parte do povo viçosense continuava vivendo, no início do século XXI, ainda que indiretamente, quase que exclusivamente dos frutos da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Desde a década de 1960 foi significativo o êxodo das pequenas cidades da microrregião de Viçosa em busca de trabalho, acelerando o processo de favelização da periferia urbana. RANGEL, José. **O passado compassado de Viçosa**. Disponível em: <<http://opassadocompassadodevicosa.blogspot.com.br/>>. Acessado em 15 de Novembro de 2013.

É o caso de Nova Viçosa, que surgiu como um loteamento e recebeu grande atenção em publicidade nas mídias locais. A promessa de um novo bairro com infraestrutura era ideal para quem chegava em busca de uma nova vida. O projeto apresentava preços acessíveis para quem pretendia se instalar, e recomeçar do zero. As promessas ficaram como tais. A infraestrutura que tinha sido prometida foi conseguida anos depois pelas lutas dos próprios moradores que por muito tempo sofreram sem as condições mínimas de saneamento básico, iluminação, pavimentação, comunicação, segurança e ironicamente educação.

OBJETIVO

O radiodocumentário proposto neste trabalho visa como forma de retorno à sociedade, o retrato da identidade de uma comunidade afastada de direitos constitucionais como lazer, segurança e cultura, e que mesmo assim conseguiu construir sua própria identidade cultural. Este radiodocumentário pretende levar aos moradores de Nova Viçosa a sua própria história, a rica cultura de superação e conquistas erguidas ao longo desses anos.

JUSTIFICATIVA

Acreditamos que o trabalho de conclusão de curso é uma das formas de retribuir para a comunidade os anos de permanência na universidade. Diante disso, explicaremos algumas questões que motivaram a realização desse trabalho:

A UFV se baseia no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão. O ensino é o que se aprende em sala de aula, a pesquisa busca aprimorar e desenvolver os conhecimentos que são adquiridos na academia, e a extensão é o retorno desse conhecimento acadêmico para a

sociedade no intuito de promover a evolução de diversos fatores que estimulem o progresso do país.

Fatores de cunho pessoal me fizeram escolher a história de uns dos bairros mais populares de Viçosa para contar por meio das ondas do rádio como minha forma de retorno quanto estudante da Universidade Federal de Viçosa. Há pouco mais de treze anos sou morador de Viçosa, o que me levou a criar vínculos com a cidade, e nesse período a omissão do Estado em levar o direito constitucional de políticas públicas para o bairro me inquieta, bem como as diversas promessas eleitorais que foram feitas desde a época de sua fundação. O cotidiano e a vivência no município me fizeram conhecer as características e os problemas de Nova Viçosa que sempre estiveram em pauta: A falta de infraestrutura, como constata COELHO.

A falta de água e a ausência de pavimentação das ruas eram problemas que assolavam Nova Viçosa em 1989, ou seja, após onze anos de sua inauguração. Uma moradora do bairro relatou neste ano junto à Folha da Mata (1989) que era necessário percorrer grandes distâncias para lavar suas roupas e encher as vasilhas e buscar água para fins domésticos. O bairro, neste ano, também não contava com os serviços de esgoto e limpeza pública (COELHO, Dayana Debossan, 2013, p. 93).

Além dos fatos apresentados pela autora em sua pesquisa, outros relatos de falta de infraestrutura apareceram durante nossas entrevistas com os moradores de Nova Viçosa. Serviços públicos essenciais ficaram no esquecimento, o posto de saúde do bairro foi construído em 2008, ou seja, trinta anos depois da sua fundação. As falas se repetiram ao contarem as dificuldades para se chegar ao centro da cidade sem estrada, o caminho era feito por uma trilha no meio do mato, muitas vezes com os braços carregados de compras do supermercado. Também há relatos de pessoas que precisavam de atendimento médico e se deslocavam a pé até o hospital da cidade nessas condições de falta de pavimentação. Constatações assim evidenciam ainda mais o esquecimento de Nova Viçosa que serviu e ainda serve como palanque eleitoral. Criado há quase quarenta anos a localidade ainda carece de políticas públicas e atenção do poder executivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O rádio é íntimo do ouvinte, embora ele também consiga falar para milhões, a linguagem é única, criando um laço de aproximação e companheirismo com o indivíduo. Além desse vínculo, o rádio é acessível para grande parte da população.

A maioria da população tem possibilidade de adquirir um aparelho de rádio. Segundo pesquisas recentes, praticamente toda residência tem pelo menos um ou vários aparelhos; a proporção é de um rádio por pessoa. Tal fato ocorre porque seu preço é quase sempre acessível e sua abrangência alcança basicamente qualquer lugar, mesmo onde não existe energia elétrica ou as transmissões televisivas ainda não chegaram. Sendo assim, o rádio está sempre por perto, ao alcance da mão ou do ouvido, atingindo todos, da criança ao idoso. (BARBOSA FILHO, 2003, p 48.)

Segundo Mcleish (2001), uma das funções do rádio é a social. Ele atua como vigilante sobre os que detêm o poder, propicia o contato entre eles e o público, ajuda a desenvolver objetivos comuns e opções políticas, possibilitando o debate social e político. O rádio também expõe temas e soluções práticas divulgando ideias que podem ser radicais e que levem a novas crenças e valores, promovendo assim diversidades e mudanças ou que talvez reforcem valores tradicionais para ajudar a manter a ordem social por meio do *status quo*. O rádio facilita o diálogo entre indivíduos e grupos, promovendo a noção de comunidade e pode também mobilizar recursos públicos e privados para fins pessoais ou comunitários.

Em seu ensaio “Comunicação para o desenvolvimento: Voz a quem não tem voz” na revista *Altejour* da ECA-USP, Márcia Detoni escreve sobre a importância de veículos de comunicação como o rádio para o desenvolvimento das comunidades.

A comunicação, obviamente, está na base de qualquer crescimento econômico e social. É por meio da informação, do debate, da pluralidade de ideias, e do estímulo à reflexão que o cidadão da floresta, do campo ou da cidade consegue interpretar o mundo em que vive e tomar decisões conscientes para melhorar sua vida e a vida de sua comunidade. É por meio do acesso à informação que pais decidem tirar os filhos do trabalho infantil e mantê-los na escola, que adultos e adolescentes se conscientizam da importância do sexo com proteção e que o homem do campo ou da floresta percebe a importância da preservação. A comunicação ajuda a comunidade a perceber seus direitos e deveres e passar a exercitá-

los; permite que famílias carentes sejam informadas e instruídas sobre serviços de saúde, acesso à educação e programas sociais, que pequenos agricultores saibam o preço do mercado dos produtos que plantam e que a sociedade discuta formas de eliminar a violência contra as mulheres ou a exploração sexual infantil. (DETONI, 2013, p 3.)

A autora fala ainda que tão importante quanto a comunicação nessas localidades, é a inserção da população nos veículos de comunicação no momento da construção de uma comunidade melhor.

E é aí que os meios de comunicação comunitários e participativos se tornam fundamentais no desenvolvimento. Não basta apenas dizer às pessoas o que está acontecendo. Os estudos mostram que as pessoas escutam mais e estão mais dispostas a adotar novas ideias quando a questão é colocada na roda por seus pares e elas podem participar da discussão. (DETONI, 2013, p 4.)

Com a população inserida no contexto de construção e desenvolvimento da comunidade, auxiliada por um veículo como o rádio, o jornalismo regional, que é parte fundamental nesse desenvolvimento, ganha força.

Segundo Chantler e Harris, a “força do jornalismo numa emissora de rádio local é o instrumento que dá a ela a sensação de ser verdadeiramente local”. O regionalismo é uma marca fundamental do rádio, pois oferece visibilidade às informações locais. Esse princípio dinamiza as relações entre rádio e comunidade. Chantler e Harris asseguram, ainda, que notícias obtidas na esquina de um bairro são tão ou mais importantes do que as recebidas de outras partes do mundo. (BARBOSA FILHO, 2003, p 46.)

Pensando nessa perspectiva de intimidade e de aproximação que o rádio tem com o ouvinte, nós escolhemos o formato radiodocumentário para retratar o bairro Nova Viçosa e buscamos embasamento em diversos autores como FERRARETTO (2001), afirmando que o radiodocumentário torna possível a utilização de reportagens ampliadas sobre assuntos cotidianos, o desenvolvimento do senso crítico, além de aguçar o imaginário do ouvinte.

As informações contidas em um documentário vão além do saber imediato do “quê?”, “como?”, “onde?”, “por quê?”, “quando?”, podendo ser aprofundadas através da multiplicidade de fontes, que poderão trazer inúmeras experiências e informações para contextualizar o tema. A elaboração do documentário envolve um trabalho mais rigoroso do que o da apuração e confecção da notícia (YORKE, 1998).

Segundo Chantler e Harris, a essência do documentário se encontra nas palavras das outras pessoas, que causam muito mais impacto que as nossas próprias. A sucessão de depoimentos pessoais traz ao radiodocumentário uma autenticidade maior. São trazidas à tona para o ouvinte as dificuldades de se exercer a profissão, que incluem os contratempos e incidentes, as reclamações dos familiares, amigos e cônjuges pela falta de tempo e, principalmente, a ausência de sensibilidade daqueles que passam todos os dias por esses trabalhadores sem sequer notá-los. Isso demonstra uma capacidade do discurso radiofônico: a de evocar a realidade e colocá-la em presença do ouvinte – que pode auxiliar na formação da credibilidade pela informação (MEDITSCH, 2008).

Como o nosso produto trabalha essencialmente com o áudio, com as vozes das fontes na reconstrução da memória e, conseqüentemente, das lembranças dos fatos acontecidos em Nova Viçosa, faz-se necessário também um embasamento em história oral. Para o historiador Ronald Grele, o jeito mais fácil de entender as tradições de um lugar é por meio da conversa com os demais, já que as reais histórias são contadas em conversas.

“As pessoas sempre relatam suas histórias em conversas. Em todos os tempos a história tem sido transmitida de boca a boca. Pais para filhos, mães para filhas, avós para netos, os anciãos do lugar para a geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos, todos, a seu modo, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão-lhes significado, mantêm viva a memória coletiva. Mesmo na nossa época de alfabetização generalizada e de grande penetração dos meios de comunicação, ‘a real secreta história da humanidade’ é contada em conversas e, a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros.” (THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.)

Alguns autores julgam a história oral bastante adequada para retratar a história de comunidades específicas como bairros.

Entrevistas de história oral permitem o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões...A história oral pode ser utilizada como metodologia de pesquisa para a reconstituição de trajetórias de comunidades específicas, como as de bairro, as imigrantes, as camponesas...A metodologia de história oral é bastante adequada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado. Estudar essa história é estudar o trabalho de constituição e de formalização das memórias, continuamente negociadas. A constituição de memórias é

importante porque está atrelada à construção da identidade. (AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.)

A seguir, detalharemos as etapas de realização do nosso radiodocumentário.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Entrei em contato com Gilberto Brandão, presidente da Associação de Moradores de Nova Viçosa que prontamente se dispôs a me ajudar a encontrar as fontes que eu precisava para este radiodocumentário. Sábado foi o melhor dia para ir ao bairro, pelas disponibilidades de horários minha e de Gilberto, e possivelmente o melhor dia para as possíveis fontes estarem em casa. Como morador, e presidente de bairro, Gilberto conhece os mais antigos moradores de Nova Viçosa. Primeiro fomos à casa de dona Imaculada Guedes que já foi presidente da associação e hoje é costureira em casa. Mãe de sete filhos, dona imaculada me contou as dificuldades de quando chegou ao bairro, que possuía apenas treze moradores. Não havia luz, água, escola, comunicação e pavimentação, o que se seguiu durante muito tempo. Em seu relato, ela diz que para se chegar ao centro da cidade onde trabalhava era necessário passar pelo mato, já que não havia estrada, mas a senhora de 65 anos de idade faz questão de falar que mesmo com esta situação tão adversa ela venceu na vida.

Encerrada a conversa com dona Imaculada, Gilberto e eu fomos até a casa de dona Catarina de Oliveira nas proximidades da praça central do bairro. Natural da cidade de Coimbra, dona Catarina me confidenciou as mesmas dificuldades que dona Imaculada sofrera quando chegou ao bairro: a falta de infraestrutura. Segundo ela que mora há 33 anos em Nova Viçosa, foi necessário esperar cinco anos para que pudesse ter água jorrando na sua torneira. Após esse dia de entrevistas no bairro, entrei em contato com Wanderlei Silva, ou Quarta Letra como gosta de ser chamado o fundador do grupo NV Rap. Por meio de outros trabalhos do curso do qual foi fonte, eu sabia que Quarta Letra seria uma boa fonte, por ter boa fala e uma opinião forte. O *rapper* expôs sua visão de Nova Viçosa como um bairro bom, que não merece mais a fama que um dia teve de bairro violento. Para ele esta época passou, e hoje o bairro é local de um povo de bem e trabalhador que venceu na vida e superou aquelas dificuldades que estavam nas memórias de dona Imaculada e Catarina.

Após a transcrição dessas entrevistas, considerei que ainda não era o suficiente para que eu pudesse fechar as fontes e iniciar a edição do radiodocumentário. Com o auxílio de

Elsie Gilbert, missionária que exerce seu trabalho de jornalista junto a Rebusca em Nova Viçosa, eu retornei ao bairro em outro Sábado. Primeiro fomos à casa de dona Geralda da Silva. Durante a entrevista Geralda me disse que antes de se mudar para o bairro falava que jamais moraria em um lugar como Nova Viçosa, mas que hoje tem outra visão, de um bairro bom para se morar. Em Seguida fomos à casa de dona Maria Aparecida. Cida como é conhecida é mais nova que as demais fontes, têm apenas 47 anos, e chegou ao bairro em 1992. Mesmo nesta época, ainda não havia água nas casas, e segundo Cida, era necessário buscar água em uma mina próxima. Após sairmos da casa de dona Cida, nós fomos à casa de dona Onofra de Souza avó de 17 netos e quarta moradora a chegar à Nova Viçosa. Ela relatou as dificuldades que era ir ao centro da cidade para trabalhar, como não havia calçamento, o trajeto além de ser feito a pé, deveria ser feito descalço devido a grande quantidade de barro.

Analisando estas últimas entrevistas com os moradores, percebi que o volume de material coletado era o suficiente para a construção da edição final, portanto passei a buscar o poder público e instituições que atuam no bairro como a Rebusca e a Apov.

Mesmo com a data marcada, e com diversas tentativas de conversa não fui atendido pela Polícia Militar de Viçosa e conseqüentemente não estará na edição final deste radiodocumentário.

Após ouvir o poder público e a Rebusca, busquei um especialista em urbanismo no intuito de inserir no radiodocumentário uma fala mais especializada.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Com todas as entrevistas realizadas e transcritas elaborei o roteiro do radiodocumentário. Também fiz a seleção das músicas e das frases musicais que utilizaria para garantir uma melhor plástica ao produto. Após finalizado o roteiro entrei em estúdio para começar a edição das entrevistas, das frases musicais e gravar as minhas locuções. Iniciei selecionando as falas dos moradores mais antigos e que relatavam as características do bairro naquela época e conseqüentemente suas dificuldades. A falta de água e luz era um denominador comum nas falas das fontes. Optei por dar prioridade à falta de água. Para dar início as falas que relatavam a falta de luz no bairro, usei um trecho musical do grupo NV Rap, técnica que se segue durante todo o decorrer deste produto, evidenciando a troca de assunto. A escolha dos trechos do Rap, ritmo musical que tem uma veia politizada, foi de acordo com o tema que viria a seguir. Ainda evidenciando a falta de infraestrutura do

bairro, as fontes passam a falar sobre como era difícil ir até o centro da cidade ou voltar dele após uma compra no supermercado.

Finalizando esta parte busquei os dados que as fontes informaram sobre a segurança do bairro. Encerrando as falas de dificuldades de infraestrutura, e violência, passei a juntar as narrações do desenvolvimento econômico do bairro seguindo das informações sobre assistência social.

Em seguida, trouxe as informações de uma especialista em urbanismo junto com a fala do poder administrativo do município. Finalizando a linearidade da edição, trouxe as falas orgulhosas e apaixonadas por Nova Viçosa, seguidas de mais um verso forte do NV Rap. Oriundo de Nova Viçosa, o NV Rap tem quatorze anos de existência, e trás em suas letras fortes, marcantes do ritmo, o cotidiano do bairro onde os integrantes foram criados e ainda moram atualmente, casando com a proposta deste trabalho.

É importante relatar que a edição foi feita de forma concatenada e de tal maneira que as próprias fontes explicitassem as questões pertinentes em relação a cada assunto, sendo que cada um daria sequência na fala do outro.

CONSIDERAÇÕES

A sensação deveria ser de dever cumprido, mas mesmo com o tempo limitado que as atividades acadêmicas da universidade nos impõem, acredito que o estudante da UFV, o que obviamente me inclui, poderia fazer muito mais pela cidade que mora no mínimo quatro anos. Apesar desta sensação, confio que este produto engrandece essa crença de retorno ao investimento que a sociedade faz em nós estudantes.

Acredito que este trabalho, não levantará exércitos de moradores de Nova Viçosa para continuarem sua luta de aproximadamente 40 anos de um lugar melhor para viver. A proposta é de um espelho, onde o reflexo seja um povo trabalhador, batalhador e vencedor. Uma vitamina que impulsiona e infla o orgulho merecido desta população repleta de boas histórias e cultura e que é a única responsável pela consolidação de um dos maiores bairros da cidade. Nova Viçosa me ensinou que as adversidades encontradas no caminho da nossa jornada de vida não são motivos para desistência, e sim para persistência. Como bem diz dona Geralda: “o lugar é a gente quem faz”.

Desenvolver este trabalho me fez sentir novamente um dos prazeres que o jornalismo proporciona: o contato com a população, com o humano e poder testemunhar e relatar o correr história. Este radiodocumentário reforçou a minha certeza pela escolha do

Jornalismo como vida, e me mostrou que este retorno que eu tanto acredito, não precisa ser um dever, mas sim uma função social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

COELHO, Dayana Debossan. Da fazenda ao bairro: a construção de uma *Nova Viçosa*. **Monografia** (Bacharel). Graduação em Geografia na Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2013.

DETONI, Marcia. Comunicação para o desenvolvimento: voz a quem não tem voz. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 1, n 07, pág01-08. Disponível em:

<http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view/aj7-a9/pdf_105>. Acesso em: 15 de Novembro de 2013

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**. São Paulo: Summus, 2001.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras: guia para repórteres e apresentadores de telejornais**. São Paulo: Summus, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

RANGEL, José. **O passado compassado de Viçosa**. Disponível em:

<<http://opassadocompassadodevicosas.blogspot.com.br/>>. Acesso em 15 nov. 2013.